



HOSPITAL DE CHELSEA.

CHELSEA, que antigamente era uma aldeia a quasi duas milhas distante de Londres, está ao presente encravada nos suburbios na margem septentrional do Tamisa: o que faz notavel esta paragem é o hospital dos soldados invalidos, que está occupando o lugar de um collegio d'estudos theologicos, criado por James 1.º, e que em tempo de Carlos 2.º foi applicado ao beneficente destino para que serve actualmente, reformando-se ou para melhor dizer refazendo-se com mais ampla e nova fórma a primitiva fabrica. Oito annos durou a construcção do edificio concluindo-se em 1690; os lanços de que se compõe formam tres pateos; dois destes são espaçosos quadrangulos, o terceiro é aberto ao sul e proximo ao rio, com os tres lados de um quadrado, ornamentados de porticos fazendo um composto de graciosa apparencia: a frontaria do norte é de simplicissimo estylo com a portada lisa: ficam no centro do hospital a capella e o vasto refeitório. Sustentam-se no estabelecimento para cima de 500 invalidos, que são regidos militarmente, e distribuidos em classes, conforme as graduções, os serviços, e os vencimentos que consequentemente percebem e que lhes são pagos ás semanas alem de terem o alimento e vestuario.

Ha tambem em Chelsea o «real asylo militar» que occupa uma grande casa, á qual lançou a pedra fundamental o duque de York em 1801, terminando-se a obra dahi a quatro annos. É destinado á manança e educação de meninos [com especialidade orphãos] filhos de soldados e officiaes inferiores.— A companhia dos pharmaceuticos de Londres tem um jardim botanico neste mesmo bairro.— Como a antiga igreja parochial de Chelsea não tinha sufficiente capacidade para a população que cresceu rapidamente, erigiu-se novo templo, que foi sagrado

DEZEMBRO 14 — 1844.

do em 1824, e na verdade é edificio espaçoso e com magnificencia levantado; a invocação ou orago é o evangelista S. Lucas, e toda a parochia, segundo os recenseamentos de 1831, contem 32,371 habitantes, população assaz superior a de mui grande numero de cidades.

REFLEXÕES ETHNOGRAPHICAS, PHILOLOGICAS E HISTORICAS
A PROPOSITO DE UMA PUBLICAÇÃO RECENTE SOBRE
A ORIGEM CELTICA DA LINGUA PORTUGUEZA.

1.º

HAVERÁ um anno que appareceu um escripto anonymo destinado a refutar uma memoria do Em.º Cardeal Saraiva sobre as origens da lingua portugueza: o auctor do opusculo reivindicava para a latina a maternidade desta, que S. Em.ª lbe refusára. Diferindo até certo ponto da opinião do escriptor anonymo, que nos parece ter attribuido ao latim puro uma acção demasiado *exclusiva* e *immediata* na formação do portuguez, não podemos deixar de reconhecer que elle tinha obtido um completo triumpho no pensamento essencial do seu trabalho; isto é, que tinha demonstrado o nenhum fundamento das sonhadas origens da nossa lingua, que se dizia existirem na linguagem primitiva das Hespanhas, conservada atravez de todas as invasões, conquistas, e mudanças sociaes da Peninsula com uma tenacidade, não dizemos admiravel, mas milagrosa. Assentámos que o opusculo anonymo ficaria sem resposta: acaba, porem, de sahir á luz a 1.ª parte de uma obra mais vasta que a memoria do Em.º Cardeal Patriarcha, em que seus A. A. [dois membros do Conservatorio Real] estabelecem quatro proposições que pretendem successivamente pro-

2.º SERIE — VOL. III.

pugnar. Ei-las: 1.^a Que o latim introduzido na Península pela conquista dos romanos, não foi durante o domínio daquella nação a lingua vulgar dos hespanhoes e portuguezes [que portuguezes serão estes?] 2.^a que tambem o não foi até o reinado de D. Diniz, epocha em que, conforme a opinião geralmente recebida, começou a figurar a nossa lingua: 3.^a que em a natureza destes dois idiomas se dá uma opposição manifesta: 4.^a que o celtico é a fonte genuina do portuguez. Estas quatro proposições ao menos são claras e precisas. Demonstrasdas ellas ficará perfeitamente refutado o escripto anonymo, cujas conclusões nos pareciam evidentes e indestructiveis.

Os A. A. do opusculo, cuja 1.^a Parte se acha publicada, tiveram a bondade de remetter-nos um exemplar della, pedindo-nos o nosso voto. Damos-lho sinceramente imprimindo as reflexões que nos occorreram á leitura do seu elegante e erudito escripto. Nasceram ellas de opiniões que anteriormen-te formámos por occasião de alguns trabalhos d'histo-ria, a qual tem mais relações com a linguistica do que os A. A. do opusculo parecem accreditar.

Antes de tudo permittam-nos os dois illustres defensores das origens celticas cortar um pouco pela gloria de A. Ribeiro dos Santos, cuja critica está bem longe de ser em cousa nenhuma tão severa como elles affirmam; permittam-nos, dizemos, negar-lhe a elle a *invenção da theoria* de que a lingua patria teve origem celtica e não latina. Esta idéa veio de França: o que lá se tinha dito da lingua franceza disse-se em Portugal, *mutatis mutandis*, da portugueza, como em Hespanha por esse mesmo tempo o dizia da castelhana um homem que estava em sciencia e consciencia muito acima de Santos, o grande historiador Martinez Marina. Já em 1757 no Mercurio de França se prorava que o francez actual era nascido do gaullez ou celtico. «Quando se observa — disse depois Girard — a prodigiosa opposição que ha entre a indole destas linguas [francez, italiano, e castelhana] e a do latim; quando se repara que a etymologia prova sómente a existencia de palavras emprestadas e não origem; quando se sabe que os povos conquistados tinham as suas linguas... não se pôde dizer que sejam filhas della, &c.» É este pensamento de Girard, commentado depois largamente por Beauzée, que veio, segundo nos parece, inspirar os nossos defensores das origens celticas. Viesses, porem, d'onde viesse, é certo que se fosse verdadeiro devia ser adoptado: infelizmente não passa de um paradoxo, destinado a excitar a attenção pela novidade, e a lisongear a mania fidalga que tem as nações de remontarem na lingua, como em tudo, á maior antiguidade possível.

O pensamento de Girard e Beauzée e dos que o imitaram ou traduziram é paradoxal e falso, assim no concreto da questão especial que nos occupa, como no absoluto da theoria que estabelecem de regeitar as similhanças dos vocabulos para deduzir as origens exclusivamente das formulas grammaticas ou indole da lingua. Os serviços que a Ethnographia tem feito nestes ultimos tempos á historia seriam em boa parte annullados se tal doutrina se houvesse de admitir. É empregando os dois meios, o da grammatica e o das palavras, que se tem podido chegar a estabelecer as grandes familias das linguas, e a respeito d'aquellas a que por imperfeitamente conhecidas não é ainda possível applicar o primeiro, os maiores ethnographos não tem duvidado

em classifica-las usando só do segundo, quando é evidente a analogia radical de duas linguas nas palavras que representam as idéas mais simples e necessarias a qualquer povo, embora selvagem ou apenas entrado na infancia da civilisação.

Foi uma grande verdade a que escreveu Maltebrun na sua carta a Balbi sobre o Atlas ethnographico, quando disse: «Alem dos resultados que produz a simples mistura dos idiomas considerados como grupos de raizes, cumpre tambem que se reconheça a acção livre da intelligencia humana que lhes modifica a seu bel-prazer as formas grammaticas, e que até pôde sujeitar idiomas inteiramente diversos a uma legislação commum.» É esta reflexão exactissima, a qual muitas vezes nos occorre, que nos obriga no exame da filiação das linguas a preferir as conclusões que resultam da comparação do vocabulario ás que se poderiam tirar de certas affinidades ou antinomias de indole. As linguas seguem sempre, especialmente na syntaxe, o desenvolvimento ideologico dos povos que as fallam. A proporção que as idéas se multiplicam e novas relações se vão encontrando entre ellas — que estas se tornam complexas por um lado, e por outro se vão subdividindo — que enfim os elementos do cogitar humano se coordenam, é acaso possível imaginar que a forma objectiva não se altere e não siga as transformações do verbo interior? E não acontecerá o mesmo quando *vice versa* uma nação corrompida parece retroceder para a barbaria? Pôde haver uma ou outra condição grammatical que atravesse as diversas phases por onde passa no correr dos seculos o genero-humano, mas o seu numero deve ser limitado, postoque caracteristico, e de feito é o que se deduz dos mais graves e extensos trabalhos linguísticos emprehendidos nos nossos dias.

Não salamos do nosso paiz: não applicuemos esta doutrina, que por si é evidente, a outra lingua. Leamos uma pagina do Nobiliario attribuido ao conde D. Pedro, uma cantiga do cancionero antigo, um capitulo de Fernão Lopes ou da Tradução da Historia Biblica: imaginemos como exprimiriamos o que lemos na linguagem d'hoje commum e desafectada. Que acharemos? Não será uma palavra ou outra antiquada para substituir, mas a successão dos vocabulos para alterar, proposições para trocar, syntaxe para regularisar, verbos para reduzir a outras terminações nos seus tempos e modos. Se desattendessemos o vocabulario para só aceitar como prova da filiação as formulas da grammatica ficariamos ás vezes perplexos sobre se deveriamos conceder que o portuguez d'hoje seja o mesmo idioma, ou antes idiomas, de que usavam os nossos avós nos seculos 13.^o, 14.^o, e 15.^o

É uma cousa que desejaríamos fizessem todos aquelles que estudam a lingua patria com alguma philosophia, que depois de terem lido os nossos escriptores da grande epocha, isto é, da segunda metade do seculo 16.^o, passassem seguidamente a ler Macchiavello e Villani, Montaigne e Rabelais. Estamos certos de que muitas vezes ereriam terem ante si paginas de Arraes ou de Heitor Pinto, de Barros ou de Francisco de Moraes, escriptas com palavras italianas ou francezas. É que as tres linguas correspondiam ao mesmo ponto do progresso ideologico das nações modernas: era que tinham partido quasi a um tempo da barbaria e achavam-se por consequencia proximamente n'um grau semelhante de aperfeiçoamento. As phrases, a syntaxe, e ainda muitas outras das condições que constituem

a indole de um idioma assemelhavam-se entre esses tres, porque o estado das idéas era em geral o mesmo no occidente da Europa.

Venhamos ao tempo presente e continuemos o estudo das transformações grammaticaes, sem sahirmos de casa. De que se queixam os que lamentam a perversão da lingua actual pela influencia do francez? Da introdução de alguns poucos vocabulos; mas principalmente da alteração completa da syntaxe e em geral da indole da lingua, alteração que, em nosso entender, nenhuns queixumes, nenhuma diligencias evitarão em quanto não se destruir a acção intellectual da França em Portugal, o que é impossivel. E todavia como actua a lingua franceza em a nossa? — Unicamente pela imprensa, pelos livros; mas cada livro é como um individuo daquella nação que vem fallar no meio de nós; individuo por via de regra mais civilisado, mais rico de idéas, ou pelo menos de idéas mais bem ordenadas, que os que o escutam. Reflectidas em nossa alma essas idéas, a que muitas vezes não é facil achar a formula nacional que as represente como as concebemos, até porque haverá casos em que tal formula não exista, exprimimo-las involuntariamente com a phrase peregrina. Então aquellas idéas, partindo de sujeitos superiores em civilisação e cultura d'espírito, vasadas no molde estrangeiro, deram-se entre o povo, e passados poucos annos vamos encontra-las trajando já o burel popular no mercado, na taberna, e até nos logares que mais resistem ás innovações de todo o genero, nas povoações ruraes.

Tal é o facto que passa diante de nossos olhos, e que qualquer observador mediocre pôde verificar. Sem invasão pessoal de estranhos, n'um periodo de muito menos de um seculo, operou-se em grande parte uma importante transformação, que nos parece possivel conduzir prudentemente para que não desfeche em anarchia; mas que julgamos não empenho tentar destruir, porque os que imaginarem ter forças para lutar contra a torrente, só alcançarão mais cedo ou mais tarde serem submergidos e afogados por ella.

Deve-se por isto, no estudo das origens, abandonar inteiramente a comparação da indole das linguas? Não por certo: quando as analogias grammaticaes vem confirmar os resultados das semelhanças das raizes, ellas completam as provas deduzidas do vocabulario, e fixam positivamente a nossa opinião. Se, porem, a influencia de uma nação sobre outra, debaixo de certos aspectos igualmente civilisada, influencia exclusivamente litteraria, pôde produzir tão graves mudanças grammaticaes em menos de um seculo; que succederá entre as linguas mães e as suas derivadas, quando as migrações, as conquistas, as misturas de raças, os progressos e decadencias intellectuaes, e a successão de milhares d'annos tenham contribuido por infinitas maneiras para alterar a indole do idioma transmittido? Podem-se, na verdade, muitas vezes averiguar e avaliar as causas que produziram essas alterações, marcar-lhes até os limites, mas recusar-lhes a existencia ou a acção seria contradizer a história e a propria experiencia dos nossos dias.

Se em these o systema de desprezar o vocabulario para se ater exclusivamente á grammatica é absurdo, na hypothese de estudar as origens da lingua portugueza, ou de outra qualquer da Europa central e meridional, e de inquirir se o celtico ou o latim formam a base dellas, tal systema corre

grande risco de ser ridiculo, porque no estado presente da ethnographia elle conduzirá seus fautores ao impossivel, ou antes ao nada. Hoje parece incontestavel que todas as linguas da Europa chamadas mães, ou primitivas, tem uma origem commum — o Sanskrit, ou um mais antigo idioma que o gerou, e tambem ao grego, ao latim, ao teutonico, ao slavo, e ao celtico. (*) E como se chegou a semelhante resultado no exame comparativo dessas linguas? Pelas claras analogias grammaticaes que ha entre ellas, pela comparação das palavras elementares, ou antes necessarias em qualquer idioma, despojadas das letras ou syllabas affixas ou prefixas, e attendendo a certas mudanças regulares de taes ou taes consoantes de uma para outra lingua. Assim os que na indole do celtico quizerem achar contraste com a do latim terão primeiro de destruir as doutrinas dos principaes ethnographos e linguistas da Europa, trabalho e gloria, que estamos bem longe de lhes invejar.

Mas, dir-se-ha, se é verdade que o Sanskrit seja a mãe commum de todas as linguas antigas da Europa, e se a grammatica e os vocabulos concordam em mostrar essa origem identica do latim e do celtico, a comparação das palavras elementares ou necessarias do portuguez com as suas semelhantes, latinas e celticas, dará um resultado igual á das aproximações grammaticaes, isto é, a impossibilidade de resolver a questão das origens. Este argumento que ao primeiro aspecto parece conclusivo, fóra apenas especioso: o celtico e o latim não são sanskrit; são duas transformações delle, transformações operadas por diverso modo porque para ellas concorreram circumstancias diversas. Nas letras ou syllabas radicaes das tres linguas ha clara analogia, e muitas vezes identidade; mas as affixas e prefixas e o som fluctuante das vogaes em cada uma dellas fazem variar a totalidade do mesmo vocabulo de uma para outra, e muito mais nos seus dialectos. (:) Transformadas, organisadas, e augmentadas na Europa, ellas geraram as modernas por transformações successivas, vindo as ultimas a ser, por assim dizermos, as netas ou bisnetas da lingua fundamental da Asia que produziu aquellas. Assim ficando na base de todas, antigas ou modernas, certos caracteres de indole, communs e fundamentaes, que profundamente as separam das pertencentes á familia semitica, em cada uma os respectivos vocabulos de significação identica são mais ou menos diversos na sua forma completa, posto que nas radicaes sejam identicos. As linguas modernas, porem, nascidas em circumstancias mais favoraveis deviam tomar daquelle idioma de que nasciam uma boa parte das suas letras affixas e prefixas, isto é, mostrar mais facilmente, e ao primeiro aspecto a lingua de que provinham immediatamente. A palavra sanskrita *mira*, por exemplo, é na verdade a remota origem da palavra portugueza *mar*; mas tendo ella passado pela formula de uma lingua inter-

(*) As obras em que esta materia se pôde estudar a fundo são a de Bopp — *Vergleichende Grammatik des Sanskrit, &c.* — a de Pott — *Etymologische Forschungen auf dem Gebiete der Indo-Germanischen Sprachen*, a de Prichard — *Eastern Origin of the Celtic Nations*, e ainda a de Balbi — *Introduction à l'Atlas Ethnographique*.

(:) Como se vê nos numeros dos dois dialectos celticos conhecidos: por ex. *divi* Sanskrit, em latim *duo*, no Cymraeg *da* ou *do*, e no Gnel *dau* ou *dey* = *chatur* S., em lat. *quatuor*, no Cym. *keathair*, e no G. *pedwar* = *shash* S., em lat. *sex*, no C. *se*, no G. *chwech* = *Navas* S., em lat. *novem*, no C. *noí*, no G. *naw* &c.

media fallada outrora na Hespanha, e devendo nós resolver se nos veio pelo latim ou pelo celtico, ficaremos convencidos de que foi pelo primeiro quando soubermos que *mar* corresponde ao vocabulo latino *mare* e ao celtico *muir* ou *mor*, segundo fór *cymraeg* ou *gael*.

Deste modo fica evidente que a sub-filiação das linguas dentro da mesma familia só pôde ser indicada pelos vocabulos, ao passo que a analogia grammatical, nos habilita para classificarmos os idiomas, não tanto em relação á sua origem immediata, como em relação á sua origem primitiva.

Fizemos estas reflexões que talvez deveriamos guardar para quando se publicassem a 3.^a e 4.^a partes do opusculo a que nos referimos para precaver os auctores delle contra a empreza que promettem commetter e que nos parece excederá as suas for-

ças, porque é quanto a nós impossível. Para então reservámos desenvolver mais largamente as doutrinas que apenas esboçámos aqui, ou confessar que nos enganámos, servindo-nos de consolação o haver-nos succedido essa desventura em excellente companhia. Pondo, pois, de parte no emtanto as questões de linguistica suscitadas pelas duas ultimas proposições estabelecidas no prologo do opusculo, avaliemos os factos e raciocinios que ahí se adduzem em prova de que o *latim introduzido na Peninsula pela conquista dos romanos, não foi durante o dominio daquella nação a lingua vulgar dos hespanhoes*. Na escolha d'uns e d'outros, os auctores do opusculo não foram, segundo se nos affigura, demasiadamente felizes.

(Continuar-se-ha.)
A. Herculano.



Este Adriano, filho de um primo de Trajano, era de ascendencia hespanhola, postoque nascesse em Roma no anno do Senhor 76: ficou orphão na idade de dez annos sob a tutela de Trajano, e de um cavalleiro romano por nome Taciano; o primeiro lhe deu em casamento sua sobrinha Sabina, e quando se elevou a imperador foi acompanhado por Adriano nas campanhas da Dacia e do Oriente. Morrendo Trajano em Selino, na Cilicia, no anno de 117 da nossa era, Adriano, a quem elle commettêra o mando do exercito da Syria, foi proclamado imperador pelos soldados em Antiochia, donde escreveu ao senado requerendo a sua confirmação: Plautina, viuva de Trajano, o favoreceu nesta pertença, asseverando que seu marido no leito da morte o havia nomeado successor; serviço pelo qual o novo imperador manifestou a sua gratidão a Plautina em toda a vida. O senado confirmou a eleição; e Adriano, depois de haver repellido os inimigos e concluído a paz com os armenios e parthos, voltou a Roma, e resignou as honras do triumpho, que lhe decretavam, e que eram devidas a Trajano, que tinha feito a parte mais importante da campanha, pelo que o successor quiz que n'aquelle apparato pomposo e publico fosse victoriada a imagem do imperador defunto. Então Adriano perdoou todos os atrazados que ao thesouro deviam assim os particulares na Italia, como as provincias por suas contribuições annuaes, e no Fóro [praça] de Trajano fez queimar as cedulas ou documentos dessas dividas, que montavam a muitos milhões. Por esta occasião se cunham medallas com a imagem do imperador tendo na mão um facho largando fogo á tulha daquelles titulos onerosos, e com a legenda *enriquece todo o mun-*

do. De nenhum dos imperadores ha tamanho numero de medallas cunhadas nas diversas provincias, como de Adriano, porque elle correu quasi todas as do imperio, incluídas as da Asia, d'Africa, algumas de Hespanha, as Gallias, e até a Britannia [Inglaterra], deixando por toda a parte vestigios da sua liberalidade, e corrigindo os abusos, tendo empregado nestas viagens a maior parte do seu reinado. Todo esse grande numero de medallas formam uma interessante serie, que um numismatico italiano, Mezzabarba Birago, poz por ordem e esclareceu. — Como não é nosso intento dar em compendio a vida de Adriano, que se lê em qualquer historia romana, só nos referiremos ao objecto da gravura precedente, que mostra uma peça da serie, que mencionámos, e está ligada com os factos historicos da rebelião de Barcochébas, ou o falso Messias, tendo-se levantado sob o prestigio deste fanatico os judeus contra os romanos; factos consignados em o volume 3.^o da nossa primeira Serie a pag. 187. — Quando Adriano fez a segunda visita á Asia, e depois de correr a Syria, voltando pela Thracia e Macedonia, repousava em Athenas, chegou-lhe a noticia da revolta judaica, que tomando posse da cidade santa se espalhára immediatamente pelas provincias contiguas á Palestina: para a suffocar viu-se precisado a encarregar deste feito o seu melhor general Julio Severo, que então andava na Britannia ás mãos com os naturaes do paiz; e este official perito teve de combater por quasi tres annos a rebelião dos sectarios de Barcochébas: até que foi morto este na defensão de seu ultimo intrincheiramento, o campo de Bethar. Vencidos os judeus, cunhou-se a medalla, de que offerecemos estampa,

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA
Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utteis.

VOL. 3.^o — SERIE 2.^a



PUBLICADO DE JANEIRO A DEZEMBRO DE 1844.

LISBOA:
NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.

LARGO DO PELOUCINHO N.^o 24.